

# ÍNDICE

Introdução.....	2
CAPÍTULO 1. O tratamento de verbos de movimento em estudos portugueses e brasileiros .....	4
1.1. Mateus (1983) .....	4
1.2. Peres (1984) .....	5
1.3. Pontes (1992) .....	6
1.4. Carvalho (1991) .....	9
1.5. Vilela (1992) .....	10
1.6. Gonçalves (2010) .....	11
1.7. Leal e Oliveira (2008) .....	13
1.8. Batoréo (2000) e Talmy (1975) .....	14
CAPÍTULO 2. Algumas considerações básicas sintáticas sobre a Língua Portuguesa e a Língua Russa .....	22
2.1. Algumas considerações sobre a Língua Portuguesa .....	22
2.2. Algumas considerações sobre a Língua Russa .....	25
2.2.1. A ordem das palavras em Russo .....	25
2.2.2. O sistema casual .....	29
2.2.3. Funções temáticos e casos .....	30
CAPÍTULO 3. Verbos de movimento .....	36
3.1. Comentários gerais .....	36
3.2. A estrutura argumental, propriedades valências e valor déítico de verbos de movimento em Português e em Russo .....	36
3.2.1. Grupo-IR .....	39
3.2.2. Grupo-VIR .....	44
3.3. O Português e o Russo face à tipologia de Talmy; outras propriedades gerais das duas línguas .....	49
CAPÍTULO 4. Conclusões .....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	57

## Introdução

O interesse pelo estudo de verbos de movimento surgiu do facto de, em todo o mundo e na natureza, não haver processo mais comum do que o movimento. Nas línguas, as diversas formas de deslocação são expressas sobretudo pelo grupo semântico-lexical dos verbos de movimento.

Em muitas línguas há uma diversidade extraordinária deste grupo de verbos, evidenciando especificidades de interpretação semântica e diferentes perceções do movimento.

Em Linguística, têm sido realizadas análises sobre os verbos de movimento sob diferentes perspetivas teóricas. No entanto, não existe nenhuma análise comparada dos verbos de movimento em Português e em Russo.

No nosso trabalho, consideraremos as formas de funcionamento dos verbos de movimento nestas duas línguas.

É sabido que o Português pertence ao grupo de línguas românicas e que o Russo é uma língua eslava, logo ambas pertencem às línguas indo-europeias. Por conseguinte, observaremos o funcionamento dos verbos de movimento nessas duas línguas.

O movimento funciona sempre como um componente da situação causada pela necessidade de mudar o lugar dos objetos; portanto, para caracterizar os verbos, devemos basear-nos nos tipos de situações descritas por esses verbos.

Neste trabalho, apoiar-nos-emos em diversos autores, em particular em Mário Vilela, Hanna Batoréo e Leonard Talmy.

O objetivo desta dissertação é descrever como os verbos de movimento do Português e do Russo se aproximam e se diferenciam sintática e semanticamente em função dos componentes de significados que eles lexicalizam e das regras que associam as propriedades semânticas e sintáticas dos itens lexicais.

Esta dissertação compõe-se de quatro capítulos.

No Capítulo 1, far-se-á uma breve apresentação dos verbos de movimento em Português, partindo da perspetiva de algumas gramáticas e de monografias. São apresentados os principais pontos dos trabalhos que tratam os verbos de movimento, realizados por vários

autores: Mateus (1983), Peres (1984), Carvalho (1991), Pontes (1992), Vilela (1992), Batoréo (2000), Gonçalves, P. (2010) e Oliveira & Leal (2008), destacando em especial as orientações de Talmy (1985).

Depois desta breve introdução, no Capítulo 2, passar-se-á a uma descrição sumária da Língua Portuguesa e da Língua Russa.

O Capítulo 3 centra-se na análise sintático-semântica de alguns verbos de movimento em Português e em Russo, partindo sobretudo dos verbos IR/VIR e dos seus correspondentes em Russo, como faz a *Gramática de Valências: teoria e aplicação* (1992), de Mário Vilela.

O Capítulo 4 sintetiza as conclusões deste projeto; seguem-se as referências bibliográficas.

## Capítulo 1. O tratamento de verbos de movimento em estudos portugueses e brasileiros

Vários estudos linguísticos trataram os verbos de movimento em Português. Destacam-se os trabalhos de Mateus *et al.* (1983), Peres (1984), Carvalho (1991), Pontes (1992), Vilela (1995), Batoréo (2000), Gonçalves, P. (2010) e Leal e Oliveira (2007), que apresentam uma análise do espaço e do movimento em verbos, sem perder de vista as preposições.

### 1.1. Mateus (1983)

Na *Gramática da Língua Portuguesa* (Mateus *et al.*, 1983), podemos encontrar alguma informação sobre verbos de movimento na secção intitulada “Tipologia dos predicadores” (pp. 41-51), em que é proposta uma tipologia de predicadores elaborada com base no tipo de estado de coisas. São analisados os predicados de movimento (incluídos nos predicadores de processo), tipicamente predicadores de um lugar e que exprimem a deslocação espacial de uma entidade origem (OR), agente (AG) ou de objeto (O); contam-se, entre estes predicadores, verbos como *andar, correr, dançar* (com um argumento (OR) ou agente (AG)) e verbos como *deslizar, rolar, vibrar*, geralmente como argumento objeto (O), dando-se exemplos como:

(1) (O Pedro e a Maria)<sub>AG</sub> *dançaram* toda a noite. (p. 49)

(2) (O carro)<sub>O</sub> *rolou* pela ribanceira abaixo. (p. 49)

É também apresentada a distinção entre predicadores de evento ( $P_{EV}$ ) causativos e não causativos de movimento.

Os autores referem os  **$P_{EV}$  causativos de mudança de lugar**, como os verbos *arrumar, colocar, deslocar* e *pôr*, que “são tipicamente predicadores de três lugares, exprimindo a deslocação espacial de uma entidade designada pelo argumento O, provocada por uma entidade OR (ou AG)” (p. 50):

(3) (A Susana)<sub>AG</sub> *arrumou* (o livro)<sub>O</sub> (na estante)<sub>DIRdest.</sub>

(4) (O vento)<sub>OR</sub> *deslocou* (os blocos)<sub>O</sub> (para o meio da rua)<sub>DIRdest.</sub>

Nos verbos **não causativos de movimento**, que exprimem a deslocação de uma entidade OR (origem) ou O (objeto) para um dado lugar L (locativo), estão incluídos os verbos *chegar, sair, partir*:

(5) (O Pedro)<sub>OR</sub> *chegou* tarde (ao emprego)<sub>DIRdest.</sub> (p. 50)

(6) (A revista)<sub>O</sub> *saiu* ontem (da tipografia)<sub>DIRor.</sub> (p. 50)

Assinale-se também que há verbos locativos estativos, que exprimem a localização espacial de uma entidade relativamente a outra entidade, como *ficar* (= estar situado em), *morar* e *viver*:

(7) (Eles)<sub>PAC</sub> *moram* (em Coimbra)<sub>LOC.</sub> (p. 48)

(8) (A Torre dos Clérigos)<sub>PAC</sub> *fica* (no Porto)<sub>LOC.</sub> (p. 48)

Vemos, assim, que os verbos de movimento nesta gramática são analisados em função do número de argumentos, da função temática que exprimem e da natureza eventiva e estativa.

## 1.2. Peres (1984)

Nos *Elementos para uma gramática nova*, Peres (1984) estabelece também as grandes classes de predicados. No seu trabalho, o autor designa por “termos as unidades do léxico que designam entidades de um qualquer mundo, e por *predicados* as unidades do léxico que exprimem ou propriedades de entidades designadas por termos ou relações ocorrentes entre entidades” (Peres, p. 35), e chama proposição à “aplicação de um predicado a um número apropriado de termo(s)” (definição dada por Dik (1980:4)).

Os predicados que se constroem apenas com as funções semânticas de *Objeto* ou com *Agente e Objeto* são denominados *predicados básicos*. Os predicados que contêm, além dessas funções, *Experienciador* ou *Beneficiário* ou *Locativo* são chamados predicados *experienciais, benefativos, locativos e direcionais*.

Estas quatro grandes classes de predicados dão conta de subclasses pertinentes das classes mencionadas anteriormente. Interessam-nos especialmente os locativos e os direcionais.

No ponto do seu estudo sobre “Predicados direcionais”, Peres divide esses predicados em dois grupos: *predicados direcionais processuais* e predicados direcionais *acionais*. Cada tipo de predicado exprime uma relação de transferência de localização entre as entidades interpretadas como *Origem*, *Destino*, *Objeto* e *Causador*. Esta relação pode ser expressa por verbos com dois, três ou quatro lugares ou argumentos.

Se considerarmos verbos frequentemente usados como *ir*, *vir*, *partir* e *seguir*, estes são caracterizados pelo autor como “uma relação (mutacional) de transferência de localização envolvendo três entidades, das quais uma é interpretada como *Causador*, outra como *Origem* e outra como *Destino*” (Peres, 1984, p. 152).

(9) A comitiva presidencial<sub>C</sub> seguiu *do centro cultural*<sub>OR</sub> para *a cooperativa agrícola*<sub>DT</sub>.(p.152)

Os predicados locativos estativos (*encontrar-se*, *estar*, *ficar*, etc.) são também estudados (pp. 146-147), assim como os direcionais processuais de dois lugares: *afastar-se*, *desaparecer*, *deixar* (pp.148-149, 150-151).

O trabalho de Peres representa, assim, uma análise muito detalhada da grelha temática dos verbos, assim como da sua caracterização aspetual.

### 1.3. Pontes (1992)

Em *Espaço e tempo na língua portuguesa* (1992), Pontes propõe-se investigar as noções de espaço, considerando as preposições, os advérbios de lugar, os demonstrativos e as locuções adverbiais e prepositivas, e, depois, verificar as oposições que existem entre os elementos de cada classe.

Na secção “As preposições e a indicação de espaço”, a autora examina as preposições que são usadas para indicar o espaço.

Em relação à preposição *a*, Pontes observa que esta preposição está em perda no PB (Português do Brasil), sendo, em geral, substituída pela preposição *em*.

No exemplo “*Vou à cidade*”(…), “*a* indica direção para um lugar e implica que o sujeito chega ao destino, mas esta não é a sua localização permanente nem habitual. “A flutuação ainda existente com verbo de movimento no caso de “*Vou à cidade*”(…) explica-se em parte por causa da distinção entre “ir para ficar” e “ir e voltar”. (Pontes, 1992, p. 24). A autora refere ainda que, com certos nomes de lugar, *a* é mais natural do que *em*. (“*Vou a São Paulo*” / *Vou em São Paulo*”). “Já em “*Vou no Rio*” é tão natural quanto “*Vou ao Rio*”. Parece que usar *em* é mais evitado.” (Pontes, 1992, p. 24)

Em relação à preposição *em*, afirma que indica lugar de maneira geral, sendo que é a preposição não-marcada para lugar. “*Em* também é usada em substituição à preposição *a* com verbos de movimento: “*Vou em casa*”, “*Vou na fazenda*”. Neste caso, entra em oposição com *para* (*prá*), indicando um movimento em direção a um lugar, mas sem implicar que vai permanecer lá.” (Pontes, 1992, p. 26)

A preposição *entre* é mais específica do que *em* e indica a posição no espaço e pode ocorrer com os verbos de movimento. (“*Passamos entre os dois carros.*”)

A preposição *de* indica origem e opõe-se à preposição *prá*:

(10) (a) Venho *de* São Paulo.

(10) (b) Sou *de* São Paulo. (p. 27)

A preposição *desde* indica um ponto de origem, uma proveniência, e é mais específica do que *de*, pois apresenta um tom enfático:

(11) Vim desde Paris sofrendo.

*Desde* / *de* estabelece uma oposição com a preposição *até* (“*Vim desde (de) Paris até o Rio chorando*”).

*Até* indica o ponto final de uma trajetória e é mais específica do que *para*:

(12) – Até onde você pretende ir ?

– Até Paracutu. (p. 29)

Por sua vez, *para* e *por* indicam a aproximação a esse ponto final:

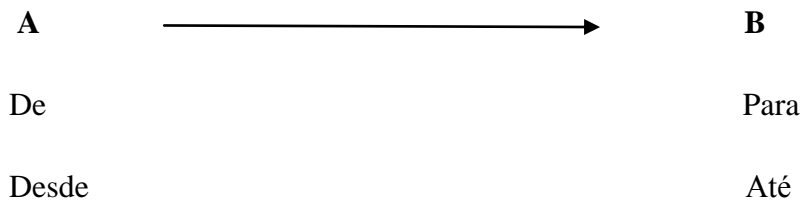
(13) Ir prá fazenda.

Vou prá casa. (p. 29)

*Por* pode sobrepor-se a *em*:

Passei por muitos lugares = Passei em muitos lugares. (p. 30)

Para Pontes, o movimento é visto como uma linha que liga dois pontos, A e B.



Num quadro geral, Pontes resume as preposições simples indicadoras de espaço, distribuindo-as por aquelas que mostram uma posição ou locação no espaço (estáticas) e aquelas que traduzem movimento (dividido entre princípio, meio e fim).

Significado	Posição	Movimento		
		Princípio	Meio	Fim
+específico (marcado)	Entre	<i>Desde</i>	<i>por</i>	<i>até</i>
		+geral (não marcado)	Em	<i>De</i>

Por fim, a autora nota “que umas preposições são usadas preponderantemente para indicar posição e subsidiariamente com verbos de movimento, enquanto que outras [são] usadas primordialmente com verbos de movimento, mas não excluem a possibilidade de se combinar com estativos.” (Pontes, 1992, p. 31).

Em síntese, Pontes analisa muito detalhadamente as preposições relacionadas com espaço, assim como a variação entre PB e PE.

#### 1.4. Carvalho (1991)

Carvalho (1991) faz uma análise dos aspetos sintático-semânticos mais relevantes dos verbos locativos no Português oral do Maputo, servindo-se do modelo de Z. Harris-M. Gross, com uma breve abordagem semântica e pragmática segundo S. Dik (1981), adaptada por Peres (1984).

Partindo de 600 verbos locativos, a autora analisa diferentes empregos de verbos locativos, tendo como principal parâmetro o fator [± durativo]. Distinguiram-se sete classes de verbos locativos. (Carvalho, 1991, pp. 92-95)

Note-se que, neste trabalho, o tratamento reforça mais o quadro categorial do que o temático, embora S. Dik e Peres sejam indicados como referências teóricas fundamentais.

É dada uma especial atenção ao uso das preposições locativas, com destaque para a preposição *em*. A autora chama a atenção para os usos de *em* encontrados nas frases do corpus:

(14) *O vaso está no balcão* – horizontalidade

(15) *O vaso está na parede* – verticalidade

(16) *O vaso está no canto*  
*O vaso está em casa* } imprecisão

(17) *A leitora adormeceu na biblioteca* – cenário

(18) *Entro em casa* – penetração

(19) *Entrou no museu* – passagem para dentro

(20) *O papel está na gaveta* – um limite com permanência

(21) *Ele está em Tete* – permanência / posicionamento

A autora mostra que certos desvios encontrados nos falantes de Português oral do Maputo, por exemplo o uso da preposição *em*, a supressão de preposição e o uso desviante de *de* ou *para*, puderam ser também encontrados nos falantes de Português Língua Estrangeira:

- (22) Cheguei em Lisboa (Polaco)
- (23) Vou na praia (Russo)
- (24) Entro Portugal (Persa)
- (25) Passei França (Persa)
- (26) Vou fazer uma volta... da Baixa, na Baixa (Alemão)
- (27) ... fomos para barco (Sueco).

Na análise das construções do *corpus*, a autora assinala como regências mais fortes “em curso de fixação” (Carvalho, 1991, p. 128) no Português oral do Maputo: *viajar a+para* e *chegar em*.

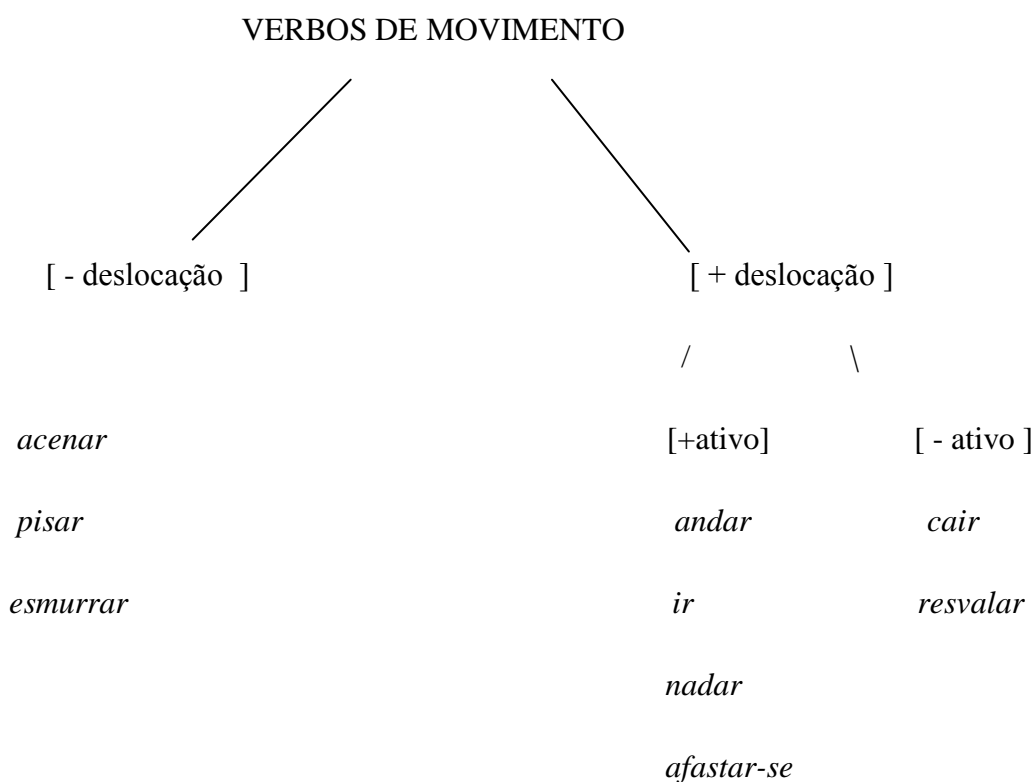
#### 1.5. Vilela (1992)

Mário Vilela faz uma abordagem semântica e sintática dos verbos de movimento na construção frásica no quadro da *Gramática de Valências*, mostrando os traços semânticos que os caracterizam e as funções temáticas dos seus argumentos. O autor salienta que, “entre as funções semântico-sintáticas impostas pelos verbos de movimento, são particularmente importantes as que se situam no domínio do Locativo.” (Vilela, 1992, p. 179)

Vilela subdivide o Locativo em: a) o lugar em que a entidade se posiciona (Loc); b) o lugar para o qual a entidade é deslocada ou se desloca (Loc / Meta); c) o lugar de onde a entidade se desloca (Loc / Origem); d) o lugar intermediário em que a entidade sofre o acontecer verbal (Loc / Percurso).

O autor nota que a designação “verbos de movimento” não é fácil de definir e de delimitar. Em termos de análise semântico-sintática, podemos referir que há verbos que implicam “uma deslocação total do sujeito que se move” (Vilela, 1992, p. 180) (*andar, correr, saltar*), outros que não implicam uma “deslocação” do sujeito ou do objeto (*esmurrar, acenar*), outros que assinalam uma deslocação do sujeito e do objeto (*trazer, levar*), ou outros que indicam somente “deslocação” do objeto (*enviar, despachar*).

Mário Vilela analisa outras categorias de verbos de movimento. O autor representa do modo seguinte o esquema geral dos verbos que exigem uma deslocação / um movimento (+ ativo) do sujeito, excluindo movimento:



O autor analisa ainda o fator [+ depressa ] *versus* [+devagar ]: (*flanar, errar, passear*), o fator instrumento [ pés ] (*correr*), [ pés e mãos ]: (*rastejar, gatinhar, etc.*) e [meio de transporte]: (*viajar, etc.*).

Estuda ainda as funções temáticas e o fator dêixis, distinguindo os verbos do grupo IR, os do grupo VIR e os do grupo IR/VIR.

Como no Capítulo 3 voltaremos a esta abordagem deíctica e ao tratamento de Vilela (1992), não nos deteremos mais aqui neste estudo.

#### 1.6. Gonçalves, P. (2010)

Perpétua Gonçalves (2010), no Capítulo 4, “Os argumentos locativos e direcionais”, de *A génese do Português de Moçambique*, apresenta um conjunto de alterações no comportamento sintático de argumentos locativos e direcionais em PM (Português de Moçambique ). A autora chama a atenção para o uso da preposição em PM, que, como

já tinha assinalado Carvalho (1991), é o principal traço que distingue o PM na realização sintática dos argumentos locativos e direcionais.

Os exemplos seguintes:

(28) PM: [ *Em casa dele* ] é aqui à frente.

PE: [A casa dele ] é aqui à frente.

(29) PM: Conheci [ *em casa dela* ].

PE: Conheci [ a casa dela ]. (p. 130)

ilustram casos em que a preposição *em* aparece associada a SN (sintagmas nominais) referentes a lugar, que desempenham em PE as relações gramaticas de sujeito e de objeto direto.

Os exemplos seguintes:

(30) PM: Voltou [ *em casa* ].

PE: Voltou [ para casa ].

(31) PM: Está a sair [ *no estúdio* ].

PE : Está a sair [ do estúdio ]. (p.131)

mostram que a preposição *em* pode também ocorrer com argumentos de verbos de movimento, com a função de “direção / destino” ou “direção / origem”, que em PE são regidos pelas preposições *a/para* e *de*.

Gonçalves indica ainda que há casos em que os argumentos locativos e direcionais estão sintaticamente realizados como nomes próprios sem preposição e sem artigo:

locativos → (32) PM : [ *Aqui* ] [ *Maputo* ] há muita gente.

PE : [ *Aqui* ] [ *em Maputo* ] há muita gente.

direcionais → (33) PM : Viemos [ *aqui* ] [ *Maputo* ].

PE : Viemos [ ( *para* ) *aqui* ] [ *para Maputo* ].

(34) PM : Saímos [ *Matalane* ].

PE : Saímos [ *de Matalane* ].

Assim, além da ausência / presença de artigo, as mudanças fundamentais verificadas em PM são as seguintes: as preposições locativas e direcionais do PE (*a/para* e *de*) foram “substituídas” por *em* em PM; por vezes, a preposição é eliminada.

Baseando-se nos estudos de Talmy, Gonçalves indica que o PM, assim como as línguas bantu, pertence ao grupo de línguas em que os verbos de movimento incorporam a informação sobre direção (“destino” ou “origem”), podendo, assim, ser dispensadas as preposições direcionais. Voltaremos ao estudo de Talmy mais adiante.

### 1.7. Leal e Oliveira (2008)

No artigo “Subtipos de verbos de movimento e classes aspectuais”, os autores analisam sobretudo os verbos de modo de movimento e defendem que uma das características dos verbos de modo de movimento é “o facto de, lexicalmente, não denotarem uma direção inerente, mas sim uma forma ou modo de movimento, próprios de cada verbo, em que a especificação de uma direção só pode ser feita por um sintagma direcional.” (Leal e Oliveira, 2008, p. 287)

Assim, identificam subclasses de verbos dentro do grupo dos verbos de modo de movimento inergativos: verbos do tipo *caminhar* e verbos do tipo *vaguear*.

Com a aplicação dos testes tipicamente utilizados para a identificação de complementos e de adjuntos, os autores apresentam as seguintes conclusões:

– os verbos do tipo *caminhar* admitem um sintagma preposicional introduzido por *para*:

(35) O João *caminhou para* casa e a Maria fez o mesmo *para* a Escola. (p. 288)

– admitem também um sintagma preposicional introduzido por *até*:

(36) O João *caminhou até* casa. (p. 288)

– os verbos de tipo *vaguear* combinam-se com um sintagma preposicional introduzido por *até*:

(37) O João *vagueou até* a escola. (p. 290)

Mas é impossível a co-ocorrência com sintagmas preposicionais introduzidos por *para*:

(38) \* O João *vagueou para* a escola. (p. 289)

O verbo *caminhar* combina-se com o adverbial *durante x tempo*:

(39) O João *caminhou* durante meia hora. (p. 292)

E com o adverbial *em x tempo* :

(40) O João *caminhou* para a escola em meia hora. (p. 292)

Ou seja, o verbo *caminhar* é um verbo que admite adverbiais durativos (39) e de medida da duração (40).

Pelo contrário, *vaguear até* + SN combina-se só com advérbios durativos :

(41) O João *vagueou* durante meia hora até à escola. (p. 292)

Mas não admite advérbios de medida de tempo:

(42) \*??? O João *vagueou* até à escola em meia hora. (p. 292)

Os autores notam que: “A compatibilidade destes verbos com SP’s introduzidos por *para* e por *até* (...) sugere também uma distinção entre estas preposições. Assim, defendemos que *para* opera uma delimitação da predicação de tipo aspectual, interna, e que *até* opera uma delimitação de tipo temporal, externa.” (p. 297)

E concluem que o verbo *caminhar* é um verbo de processo culminável, sendo lexicalmente indeterminado quanto à telicidade, enquanto *vaguear* é um verbo predominantemente atélico.

### 1.8. Batoréo (2000) e Talmy (1985)

Batoréo (2000) constitui um trabalho de grande fôlego sobre a expressão do espaço no Português Europeu, com base num desenho experimental constituído por dados de compreensão, produção e aquisição da linguagem. É um trabalho feito a partir de 120 narrativas que são analisadas do ponto de vista da Psicolinguística, em que se pretende mostrar a linguística do espaço em Português Europeu no quadro da Linguística Cognitiva e em especial do modelo de Leonard Talmy.

Além das narrativas estudadas, analisam-se, em diferentes pontos, as preposições, as locuções prepositivas, os advérbios e locuções adverbiais, os afixos de carácter espacial, os nomes deverbais e, com especial destaque, os verbos.

Também são analisadas em detalhe as preposições *em* e *a* e a organização espacial do texto português em comparação com outras línguas.

Na sua obra sobre a expressão do espaço, a autora faz uma análise sumária da teoria talmiana. Num dos capítulos, Batoréo faz o resumo dos estudos de Talmy, desenvolvidos ao longo de quase duas décadas (1972, 1975, 1985 e 1988), sobre a expressão do espaço.

Assim, como a pesquisa de Talmy ocupa um lugar especial nesta dissertação, vou apresentar o capítulo 3.5.2. *O quadro Tipológico de Leonard Talmy*.

A primeira noção-chave na descrição do espaço é uma distinção entre os elementos lexicais e gramaticais. Os primeiros são portadores de significado e criadores da substância da “imagem” de um texto. Os segundos são aqueles que determinam a forma desta imagem. Esta elaboração de Talmy dá origem ao conteúdo dos subsistemas da linguagem com funções semânticas diferentes. Há uma divisão tradicional de marcadores linguísticos (morfemas) em duas classes: *abertas* e *fechadas*. ”Enquanto as preposições, os pronomes ou os marcadores temporais constituem classes tradicionalmente *fechadas*, Talmy propõe esta classificação, também, para os conjuntos – tradicionalmente *abertos* – de elementos lexicais, tais como os adjetivos relativos ao carácter tridimensional dos objetos, por exemplo, *alto, largo, baixo, comprido, estreito, fundo, etc.*” (Batoréo, 2000, p. 358).

Talmy dá um destaque especial à esquematização. Esta esquematização baseia-se em *esquemas* (= schemas), “isto é, abstrações individuais com carácter esquemático que correspondem a expressões linguísticas espaciais...” (Batoréo, 2000, p. 363).

A segunda noção-chave na descrição do Espaço é o *sistema imagético* (= *imaging system*), que compreende quatro sistemas:

- a geometria espacial;
- o ponto de perspetivação do espaço;
- a distribuição de atenção prestada à cena referencial;

– a dinâmica da força existente em cada situação.

Assim, Batoréo faz uma definição do esquema imagético como “uma estrutura de natureza pré-conceptual e não-proposicional, profundamente enraizada na experiência humana, ou seja, na percepção, no movimento do corpo e na manipulação física dos objetos.” (Batoréo, 2000, p. 365)

Talmy estabelece o esquema básico da *Situação de deslocação*. Os termos desta situação são os seguintes: *a deslocação, a figura, o Fundo e o percurso*. A estrutura semântica é representada do seguinte modo:

#### SITUAÇÃO DE DESLOCAÇÃO:

Figura + DESLOCAÇÃO + PERCURSO + Fundo

O autor define-a como “...uma situação em que um objecto – *a Figura* (= *Figure*) – se encontra localizado ou em movimento em relação a um outro objecto – *o Fundo* (= *Ground*) – num *Percurso* (= *Path*)” (Batoréo, 2000, p. 366)

A situação de deslocação é especificada por uma estrutura sintática. Os constituintes da figura e do fundo têm um carácter nominal, os do percurso têm um carácter preposicional e os da deslocação apresentam um carácter verbal.

Por sua vez, a deslocação é simbolizada pelo verbo **MOVER**, no caso de se tratar de movimento. Quando a localização é estática, é representada pelo verbo **ESTAR**, em Português.

Um constituinte que se junta ao verbo é o seu **SATÉLITE**, constituindo com ele um **COMPLEXO VERBAL**. Os satélites podem ser presos (afixos) ou livres (advérbios, partículas, etc.).

O núcleo da situação de deslocação é constituído por um sistema potencialmente universal de substituições abstratas de movimento / localização, em que um *ponto* significa *um ponto espacial / temporal* e uma *extensão* significa uma *extensão espacial / temporal*.

A autora mostra (Batoréo, 2000, p. 368) o quadro de seis estruturas-base de tipo espacial. As quatro primeiras têm uma representação fundamental em Português:

um ponto **ESTÁ EM** um ponto (*morar em Lisboa*)

um ponto MOVE-SE PARA um ponto (*ir* ao teatro)  
um ponto MOVE-SE DE um ponto (*chegar* de Paris)  
um ponto MOVE-SE POR um ponto com extensão (*andar* pela cidade)

As duas últimas são:

um ponto MOVE-SE EM RELAÇÃO a uma extensão (*correr* durante uma hora)  
um ponto MOVE-SE EM RELAÇÃO a uma extensão delimitada (*percorrer* 100 metros em 10 segundos)

e traduzem-se mais em oposições de caráter aspetual do que propriamente espacial.

Nesta parte do seu trabalho, Batoréo apresenta uma base para a tipologia espacial das línguas estabelecida por Talmy (1975). A autora nota que Talmy prevê a existência de dois tipos de línguas quanto à maneira como lexicalizam um percurso. Esta tipologia distingue as línguas germânicas das línguas românicas no que respeita aos padrões de lexicalização do percurso e do modo nos eventos de movimento.

Um tipo de línguas é aquele em que a informação principal acerca da relação espacial é transmitida pelo verbo (*verb-framed*). A este grupo pertencem as línguas românicas, que transmitem a informação-base sobre o tipo de movimento pelo próprio verbo. Ao segundo grupo pertencem as línguas em que a informação é veiculada pelas partículas / preposições ligadas ao verbo (*satellite-framed*), ao qual pertencem as línguas germânicas. Nessas línguas, a informação sobre o modo como o movimento se desenvolve constitui a informação-base e é veiculada pelo próprio verbo.

A proposta de Talmy (1985) abrange três tipos de padrões de deslocação:

DESLOCAÇÃO + MODO / CAUSA

O verbo exprime o facto da Deslocação, assim como o Modo em que ela é efetuada ou a Causa que está na sua origem (Batoréo, 2000, p. 370).

DESLOCAÇÃO + PERCURSO

“a fusão ao nível verbal abrange a Deslocação e o Percurso. O Modo e/ou a Causa em que a ação é desempenhada são verbalizadas ao nível independente, num constituinte adverbial, gerundivo ou infinitivo, ou então, numa frase relativa” (Batoréo, 2000, p. 372).

#### DESLOCAÇÃO + FIGURA

“a fusão abrange a Deslocação propriamente dita e a Figura” (Batoréo, 2000, p. 372).

Mas a tipologia apresentada tem algumas extensões, por exemplo, quando a fusão abrange mais do que um dos elementos:

#### CAUSA + FUNDO + PERCURSO

ou

#### FIGURA + PERCURSO + MODO.

Batoréo nota que “os padrões prototípicos, classificatórios em relação às línguas naturais, não incidem sobre o Fundo na formação de um tipo nuclear da expressão da Deslocação, fenómeno para que é difícil encontrar uma resposta plausível.” (Batoréo, 2000, p. 373)

Na sua proposta, Talmy considera a dêixis como estreitamente ligada ao Percurso. A proposta do autor acerca dos padrões de lexicalização estende-se aos padrões aspetuais, causativos e suas valências. Talmy evidencia que “o espaço só pode ser analisado em interdependência com o Aspeto e a Transitividade, ou, em geral, a Valência”. O autor apresenta vários padrões de lexicalização da causatividade, em função do grau de envolvimento do Agente / Autor de uma ação e, conseqüentemente, do grau de intenção com que uma ação é desempenhada”. (Batoréo, 2000, p. 374)

O autor mostra as possibilidades da causatividade no caso do verbo inglês *break* (= partir, quebrar) observados nos seus equivalentes portugueses:

(43) “*parti* o vaso sem querer”

(44) “*parti* o vaso de propósito”

(45) “*parti* o braço”

(46) “*mandei partir o vaso*”

(47) “o vaso *partiu-se*”

(48) “*partiu-se-me o vaso azul*”

(49) “a bola *partiu/fez partir o vaso*” (p. 375)

Sublinha ainda que em certas línguas, por exemplo, no Castelhana, ocorre uma marcação “dupla” idêntica. Isto significa que o experienciador sofre uma ação da vontade dele e exprime-se por meio de um clítico, como em “Se me quebró el brazo” (= Parti o braço) ou “Se me perdío la pluma” (= “Perdi a caneta”). Nestes exemplos, o verbo está marcado duas vezes. Em “Se perdio”, “se quebró”, “-se” surge inerente e traduz a diminuição do valor Agentivo. Em segundo lugar, apresenta a marcação com o Dativo, que aumenta o valor construído do Paciente ou do Experienciador. O esquema imagético, neste caso, é subjacente à concetualização característica a cada língua e o grau de Agentividade a ela atribuído.

Batoréo observa que a tipologia talmiana exige uma atenção especial sobre a Figura e o Fundo, que foram estudados em frases complexas. “Assim, a Figura corresponde ao acontecimento resultativo, posterior no tempo e referido de modo assertivo na oração principal, enquanto o Fundo, pelo contrário, corresponde ao acontecimento pressuposto, anterior no tempo, com função causativa e correspondente à oração subordinada ao nível frásico.” (Batoréo, 2000, pp. 381-382)

Outro ponto importante observado pela autora é que Talmy faz uma comparação da proposta de distinção de Figura e Fundo com a dos casos de Fillmore.

Assim, Talmy distingue quatro fatores principais na explicação da superioridade da sua classificação:

- 1) Fillmore não indicou o caráter intrinsecamente espacial dos seis casos não-agentivos → *Origem* (= *Source*), (= *Path*), *Locativo* (= *Locative*), *Paciente* (= *Patient*), *Instrumento* (= *Instrumental*) *Alvo* (= *Goal*), *Percurso*.

Talmy → a distinção proporcionada pela classificação Figura / Fundo.

- 2) Fillmore não menciona que os casos (a Origem, o Alvo, o Percurso e o Locativo) apresentam uma característica comum, ou seja, a correspondência a um ponto de referência.

Talmy → o que corresponde à noção do Fundo.

- 3) Da classificação de Fillmore não transparece o facto de os casos Origem, Alvo e Percurso corresponderem à Deslocação dinâmica e o quarto a localização estática.

Talmy → o meio de construções alternativas, MOVER e ESTAR.

- 4) “O sistema de casos de Fillmore não permite, por exemplo, uma análise mais fina ao nível proposto, tal como, por exemplo, a abstracção da noção de Suporte do Locativo, Alvo e Origem, no caso das expressões inglesas *on N (Locativo)*, *onto N (Alvo)*, e *off of N (Origem)*” (Batoréo, 2000, p. 382).

A autora conclui que “parece adequado considerar a proposta de Talmy como cumulativa e não como alternativa em relação à de Fillmore, juntando o critério do relacionamento Figura / Fundo ao dos papéis temáticos e à atribuição do caso.” (Batoréo, 2000, p. 383).

Em suma, o enquadramento teórico de Talmy avança uma tipologia centrada em dois conceitos básicos da relação espacial, a Figura e o Fundo.

A partir da proposta teórica de Talmy (1985), Batoréo observa que a análise do vocabulário espacial nuclear do Português Europeu está centrado no verbo lexicalizado. Esta lexicalização corresponde ao padrão de lexicalização em que a Deslocação (Localização / Movimento) se funde com o Percurso (Direção, no caso do Movimento).

Quanto ao padrão de lexicalização do Movimento, ficam abrangidos os verbos de Movimento, isto é, as extensões concetuais do verbo MOVER-SE, assim como os marcadores de Direção, simples e complexos, de carácter prepositivo e adverbial.

A autora analisa este padrão, tendo em consideração três instâncias específicas, determinadas por esquemas imagéticos (Batoréo, 2000, p. 774):

### 1) Agente = Figura

O Agente      MOVE-SE      +      Direção

Verbo básico : *andar*

## 2) Agente = / = Figura

O Agente MOVE a Figura + Direção + o Fundo

Verbos básicos : *tomar , agarrar , pegar*

## 3) Agente = Figura 1 e objeto de deslocação = Figura 2

O Agente MOVE-SE + o Agente MOVE a Figura 2

Verbos básicos : *levar e trazer*

A autora faz uma análise fina destes três esquemas imagéticos (Batoréo, 2000, pp. 466-469), que não vamos apresentar aqui, visto que utilizaremos algumas dessas ideias no Capítulo 3.

No Capítulo 4. 5. 2, “Verbos Deíticos e Expressões Deíticas”, a autora analisa os verbos de movimento com uma componente deítica. “Um verbo deítico é um verbo de movimento definido em função dos intervenientes do ato de interação verbal, isto é, o seu significado prototípico implica que o Locutor e / ou o Alocutário se coloquem na Origem e / ou no Alvo “ (Batoréo, 2000, p. 511). Em Português, Batoréo aborda os verbos deíticos em dois pares: *ir/vir* e *levar/trazer*.

A autora observa que os verbos *levar / trazer* podem ser analisados relativamente aos verbos *ir / vir*, “na medida em que o conceito de *levar* pode ser dado pela relação *agarrar + vir*, enquanto o de *trazer* [é dado] por *agarrar + vir*. Os verbos *ir* ou *levar* têm, por conseguinte, prototipicamente, o Locutor na Origem e o Alocutário no Alvo, enquanto no caso de *vir* e *trazer*, o Locutor está no Alvo e o Alocutário na Origem“ (Batoréo, 2000, p. 511).

Neste capítulo, a autora analisa ainda outras expressões deíticas de movimento.

## Capítulo 2. Algumas considerações básicas sintáticas sobre a Língua Portuguesa e sobre a Língua Russa

No Capítulo 3 faremos uma análise comparativa de alguns verbos de movimento em Português e em Russo. Uma vez que as línguas têm algumas propriedades sintáticas e morfológicas distintas, neste capítulo faremos uma breve apresentação das propriedades mais relevantes das duas línguas.

### 2.1. Algumas considerações sobre a Língua Portuguesa

A tradição gramatical concebe o português como uma língua de ordem básica SVO. Assim como nas outras línguas românicas, a ordem direta dos constituintes nas orações que contêm um verbo transitivo simultaneamente direto e indireto corresponde à sequência:

SU V OD OI

(50) *Um colega<sub>su</sub> emprestou um livro<sub>od</sub> ao Vasco<sub>oi</sub>.*

O facto de a língua correlacionar o caso nominativo com o argumento externo dos verbos, geralmente, reflete-se na estrutura sintática da língua. O sintagma nominal no caso nominativo tem um estatuto especial do ponto de visto sintático. Este sintagma nominal é chamado **o sujeito**.

Em línguas como o Português, ao sujeito está associado um conjunto de propriedades:

“a) relativamente à ordem de palavras, pelo facto de, nas frases básicas, o sujeito ocorrer na primeira posição argumental na frase;

b) relativamente ao controlo de processos gramaticais, o sujeito é:

- o controlador categórico da concordância verbal;

(51) *A menina entrou.*

(52) *As meninas entraram.*

- o controlador preferencial da anáfora frásica (intra- e inter-oracional) e dos pronomes anafóricos:

(53) *A Maria lava-se.*” (Duarte, I. in Mateus, M. H. et al, 2003, p. 281).

Existem línguas em que a noção de sujeito é importante, mas não interage com o sistema casual. Nessas línguas, o sujeito está marcado com um indicador especial, por exemplo, pela ordem das palavras. Em Português, o sujeito só é marcado pelo caso nominativo verdadeiramente nos pronomes pessoais.

Outro termo fundamental na frase portuguesa é **o predicado**, “o constituinte ou sequência de constituintes formado pelo predicador e pelo(s) seu(s) argumento(s) internos”, sendo que “o predicador inclui pelo menos um elemento verbal”. (Duarte, I. em Mateus, M. H. et al, 2003, p. 278)

Também podemos considerar “que o verbo é o centro estruturador da frase, [de modo] que ele constitui o elemento fundamental na descrição dos fenômenos que se passam com os participantes.” (Ignásio, 1985, p. 67) O verbo está presente na frase não só para a descrição do processo mas também porque nele próprio “se concentram os elementos coesivos necessários ao estabelecimento do significado do processo e da sua situação no tempo e no espaço” (Ignásio, 1985, p. 68).

Os constituintes que têm a função sintática de objeto direto (OD) e de objeto indireto (OI) fazem parte do predicado verbal e são habitualmente designados por funções sintáticas centrais.

No Português Europeu, o padrão básico nas frases declarativas é aquele em que o sujeito com a função discursiva de tópico precede o verbo e em que o objeto, com a função discursiva de comentário, se segue ao verbo. O padrão básico para a formação de expressões preposicionais é aquele em que a preposição precede o seu complemento.

Um ponto comum entre as teorias linguísticas modernas é a afirmação de que todas as línguas possuem caso, mas é preciso fazer uma distinção. Enquanto algumas línguas expressam essa marcação através da morfologia, outras línguas marcam o caso através da sintaxe, incluindo-se nesse grupo a língua portuguesa. Fala-se, então, de caso abstrato.

O caso, na língua portuguesa, realiza-se por meio da ordem de palavras, como vimos acima. Nos pronomes pessoais, os casos são morfologicamente realizados (*eu, me, mim, migo*); também se pode dizer que o caso é dado pelo sistema das preposições.

Os *pronomes clíticos* correspondem às formas átonas (*o, a, os, as; lhe, me, te, se, etc.*) do pronome pessoal que ocorrem associadas aos verbos. Com a função sintática de *objeto direto* (OD), surgem os *clíticos acusativos*. “A substituição pelo clítico acusativo (*o, a, os, as*) permite demonstrar que uma dada sequência de palavras forma um constituinte e que esse constituinte tem a função sintática de objeto direto” (Eliseu, 2008, p. 52). O objeto indireto (OI) é substituível por uma forma *do clítico dativo*. “A substituição pelo clítico dativo (*lhe, lhes*) permite demonstrar que uma dada sequência de palavras forma um constituinte e que esse constituinte tem a função sintática de objeto indireto.” (Eliseu, 2008, p. 53)

No nosso trabalho, prestamos atenção a algumas preposições, pois as preposições conferem propriedades sintáticas e semânticas diferentes e distintas. De todos os empregos, destacam-se aqueles valores em que prevalece o sentido de separação, o ponto de partida, a origem, o destino e os vários complementos de carácter determinativo. (Ver Capítulo 3.)

Na língua portuguesa, as preposições “são palavras invariáveis, não flexionadas (...), são categorias lexicais, porque selecionam complementos e estão-lhes associados valores semânticos. Algumas preposições são essencialmente marcas de casos...” (Mateus *et al.*, 2003, p. 392). Outros têm, de facto, valores semânticos próprios (que analisaremos ao longo da dissertação).

Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra (1984), temos uma descrição e sistematização funcional das preposições. Os autores definem as preposições como “palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (*antecedente*) é explicado ou completado pelo segundo (*consequente*)”. Para eles, a relação que se estabelece entre palavras ligadas por intermédio de preposição pode implicar movimento. Tanto o movimento como a situação podem ser considerados em referência ao espaço, ao tempo e à noção. Os autores propõem uma classificação baseada no tipo de *relação* sintática estabelecida pela preposição: *relação fixa*, *relação necessária* ou *relação livre*.

Nas *relações fixas*, verifica-se que o uso uniu de tal forma as palavras que elas passam a constituir um todo significativo, uma verdadeira palavra composta. O sentido da preposição esvazia-se completamente, mudando a sua denotação. Por exemplo, *de longe em longe* (= de vez em quando). Nas *relações necessárias*, as preposições relacionam com o termo principal um conseqüente sintaticamente necessário. Intensifica-se a função de relacionar das preposições com prejuízo do seu conteúdo significativo. Nas *relações livres*, a presença da preposição é possível mas não é necessária sintaticamente e seu significado básico tem alta intensidade.

Cunha e Cintra fazem a descrição das preposições a partir do esquema proposto sobre o significado básico: movimento e situação. Para os autores, as preposições relacionadas com as noções de espaço e tempo são *a, ante, até, após, de, desde, em, entre, para, por, sob e sobre*. As preposições *com e sem* não estão relacionadas com nenhuma desses noções. *Contra e perante* são preposições relacionadas apenas com a noção de espaço.

Na *Gramática de usos do português* (2000), Neves define as preposições introdutoras de argumentos, preposições não-introdutoras de argumentos e preposições acidentais. As primeiras são aquelas que funcionam no sistema da transitividade e que introduzem complementos, bem como exprimem relações semânticas (*a, até com, contra, em, entre, para, sob, sobre*), e as segundas são aquelas que não funcionam no sistema da transitividade (*ante, após, desde, perante, sem*).

Na nossa dissertação, iremos voltar às preposições quando analisarmos os verbos de movimento em Português e os seus valores semânticos.

## 2.2. Algumas considerações sobre a Língua Russa

### 2.2.1. A ordem de palavras em Russo

A ordem de palavras em Russo é afetada por uma variedade de fatores de natureza linguística; por outro lado, a ordem de palavras em Russo é extraordinariamente diversa e maleável e serve para expressar vários sentidos e vários objetivos pragmáticos.

Existe uma opinião segundo a qual a ordem das palavras em Russo é relativamente livre. O predicado pode aparecer realmente depois do sujeito e antes dele. Alguns tipos de complementos podem ocupar diferentes lugares na frase.

Mas, de acordo com a classificação sintática das línguas, a língua russa pertence ao tipo SVO. No entanto, na Língua Russa esta ordem é não marcada. Na frase russa a ordem das palavras pode variar por causa da natureza flexional da língua.

Apesar dessa flexibilidade, a ordem SVO é dita a mais básica. Podemos falar sobre a ordem livre das palavras em relação a certas construções. As preposições, as conjunções e as partículas têm sempre um lugar definido na frase.

No entanto, a ordem das palavras pode variar devido à necessidade de mudar o significado e as propriedades prosódicas da frase.

A ordem das palavras atua como “um organizador” de frase. Para unir formas e palavras na frase, é necessário colocar as palavras numa certa ordem.

A frase como uma unidade de sintaxe é composta por componentes que ocupam determinadas posições sintáticas. A divisão da frase, em termos dos seus componentes estruturais, é uma divisão sintática ou gramatical. Ela está organizada, em termos funcionais, em sujeito e predicado.

O predicado é expresso normalmente como um verbo que segue o sujeito:

(54) *Мария живёт в России.*

Maria jiv'et v Rossii.

Maria vive em Rússia

A Maria vive na Russia.

**SU   V   O**

O objeto direto e o objeto indireto geralmente aparecem depois do verbo (predicado):

(55) *Мать купила книгу.*

Mat' kupila knigu.

mãe comprou livro

A mãe comprou um livro.

**SU V OD**

Na presença de vários complementos, o objeto direto (OD) expressa-se pelo caso acusativo, sem preposições, normalmente seguido pelo objeto indireto (OI), que é expresso pelo caso dativo:

(56) *Он дарит книгу (CAC) матери. (CD)*

**OD OI**

Он дарит книгу матери.

ele deu livro mãe

Ele dá um livro à mãe.

Mas a função do objeto direto também pode ser expressa por uma forma do genitivo (CG):

1) com verbos transitivos afetados pela negação:

(57) *Не понимать вопроса. (CG)*

**OD**

Не понимает' вопроса.

não compreender (de) pergunta

Ignorar os erros.

2) para apontar a incompletude da transição para o objeto:

(58) *Выпить воды. (CG)*

**OD**

Випит' води.

beber (de) água

Beber pouca água.

3) para exprimir alguns palavras de estado:

(59) *Мне жаль потерянного времени.*(CG)

**OD**

Mne gal' poterianogo vremeni.

mim pena perdido tempo

Sinto pena do tempo perdido.

O OI pode ser expresso pelo acusativo com preposições, assim como com outras formas de casos oblíquos com preposições e sem preposições:

1) (60) *Он взбежал по лестнице.*(CD)

**OI**

On vzbegal po lestnize.

ele correu por escadas

Correu até às escadas.

2) (61) *Я нажимаю на кнопку (САС) звонка.*

**OI**

Ia nagimau na knopku zvonka.

eu toco em campainha

Eu toco à campainha.

3) (62) *Его работа увенчалась успехом.* (CABL)

**OI**

Ego rabota uvenchalas' uspechom.

dele trabalho coroou êxito

O trabalho dele foi coroado de êxito.

No Capítulo 3, vamos considerar os verbos de movimento, que implicam uma deslocação ou mudança de direção e que são caracterizadas pelas relações com os SN que se expressam em Russo, como OD e como OI.

Em síntese: a ordem de palavras básica nas frases declarativas em Russo é SVO. Os constituintes que têm a função sintática de OD e OI fazem parte do sintagma verbal e são habitualmente funções sintáticas centrais da frase.

A marcação sintática desses constituintes é realizada como um sintagma nominal e como um sintagma preposicional através de meios morfológicos (casos).

### 2.2.2. O sistema casual na Língua Russa

Para um desenvolvimento completo do tema do trabalho, é necessário conhecer o sistema casual em Russo.

O relacionamento entre as palavras e grupos de palavras e entre o verbo e os seus argumentos pode ser dado sintaticamente pela ordem das palavras, bem como, morfológicamente, pelos casos.

O caso é uma categoria gramatical flexional dos substantivos que expressa a relação entre o objeto denotado com os eventos denotados pelos verbos.

As relações criadas pelo sistema casual ocorrem ao nível da frase e dos grupos de palavras. Podem expressar-se independentemente ou em combinação com outros meios lexicais ou gramaticais (preposições, entoação e ordem de palavras).

A língua russa contém seis casos, mas o número de valores transmitidos é muito superior ao número de formas dos casos. Essas formas de casos variam e recebem formas diferentes, dependendo do papel sintático que irão desempenhar.

Se, em Russo, desaparecessem todas as terminações de caso, não seríamos capazes de compreender uma única frase. Por exemplo, na frase *Собака напугала мальчика* (cão assustou menino), o substantivo *мальчика* (menino) está no caso acusativo e o

substantivo *собака* (cão) no caso nominativo. Agora, tentemos colocar, na mesma frase, o substantivo *мальчика* no caso nominativo e o substantivo *собака* no acusativo. O resultado seria o seguinte: *O menino assustou o cão*, que descreve uma situação diferente da primeira. Podemos dizer que o caso indica as funções que *o menino* e *o cão* realizam numa dada situação. Se se trocarmos os casos, as funções também se trocam.

Cada verbo corresponde a um conjunto específico de casos e cada caso tem um membro correspondente a cada situação. Assim, cada verbo tem um número de argumentos (um, dois, três ou nenhum). Os participantes da situação e os casos correspondentes não são acidentais. Em situações traduzidas por verbos diferentes, a linguagem encontra participantes com funções semelhantes e exprime-os com os mesmos casos. Por exemplo, nos verbos russos *варить* (cozer), *учить* (ensinar) e *мыть* (lavar), aquele participante que realiza a ação é codificado pelo caso nominativo, e aquele a quem a ação é dirigida ou é um resultado desta ação é codificado pelo caso acusativo.

### 2.2.3. Funções temáticas e casos

Grande parte da Linguística moderna está baseada na pressuposto de que, para uma variedade de sistemas externos de caso das línguas, há um conjunto universal de papéis semânticos ou temáticos:

**Агeнс (agente)** (do latim *agens* – que exerce o controlo sobre a situação)

**Пациeнс (paciente)** (do latim *patiens* – aquele a quem a ação é dirigida e cuja condição física é alterada como resultado desta situação)

**Экспериeнцeр (experienciador)** (do latim *experiens* – o participante em cujo estado interno a situação tem um efeito)

**Иструмeнт (instrumento)** (entidade que causa a ação expressa pelo predicador ou objeto através do qual se efetua uma ação)

**Реципиeнт** (do latim *recipiens* – aquele que recebe algo no decurso da situação)

A correspondência entre o papel semântico e os casos em Russo não é única. Por vezes, funções diferentes são codificadas pelo mesmo caso. Por exemplo, o nominativo pode codificar as funções de Agente, Paciente ou Experienciador:

(63) *Мальчик побежал.*

**Agente**

Mal'chik pobejal.

menino correu

O menino correu.

(64) *Мальчик упал.*

**Paciente**

Mal'chik upal.

menino caiu

O menino caiu.

(65) *Мальчик любит море.*

**Experienciador**

Mal'chik lúbit more.

menino gosta mar

O menino gosta do mar.

Assim, o caso é usado na língua para codificar diferentes participantes da mesma situação. Mas, para implementar esta função, a língua deve realizar a identificação de participantes dos vários verbos.

O facto de o idioma relacionar o nominativo com a “personagem” principal é frequentemente refletido na estrutura sintática da língua. O sintagma nominal no caso nominativo tem um estatuto sintático especial. Esse estatuto é chamado *sujeito*. As propriedades do sujeito na Língua Russa são seguintes:

- tem a primeira posição na frase não marcada;
- é expresso por caso nominativo;
- concorda com verbo (predicado).

Quanto ao OD, trata-se de um sintagma nominal no acusativo.

Em Russo, a forma de um caso nem sempre corresponde a uma só função.

Apresento, agora, um conjunto preliminar de valores básicos de casos na língua russa (cf. Rozental, 1991, pp. 234 – 236):

- *o nominativo (CN)* – é uma forma de caso independente. O nominativo não é usado com as preposições e não é controlado pela forma verbal:

(66) *Мальчик читает.*

**CN**

Mal'chik chitaet.

menino lê

O menino está a ler.

- *o genitivo (CG)* – usa-se depois do verbo e também depois do nome. O significado e o uso sintático é muito diversificado. O genitivo depois de verbo indica um objeto:

- a) Se o verbo permite a negação:

(67) *Он не сказал правды.*

**CG**

On ne skazal pravdi.

ele não disse verdade

Ele não disse a verdade.

- b) Se a ação não “passa por” todo o objeto, mas apenas por parte dele:

(68) Он выпил воды.

**CG**

On vipil vodi.

Ele bebeu (de) água.

Ele bebeu água.

- o *dativo (CD)* – pode expressar a identidade e a relação com alguém ou algo (uma medida, um número, a data, a hora, uma comparação). Usa-se frequentemente depois do verbo, mas é possível depois do nome.

(69) Он подошёл к аптеке.

**CD**

On podochel k apteke.

ele chegou até farmácia

Ele chegou à farmácia.

(70) Он вернул книгу другу.

**CD**

On vernul knigu drugu.

ele deu livro amigo

Ele deu o livro a um amigo.

- o *acusativo (CAC)* – usa-se depois de verbo. O significado do acusativo é expressar o objeto que altera a ação expressa pelo verbo:

(71) Швея шила платье.

**CAC**

Chveia schila platie.

costureira costurou vestido

A costureira costurou um vestido.

- o *ablativo (CABL)* – usa-se em combinação com verbos e com substantivos. Tem o significado básico de instrumento ou meio de ação:

(72) *При написании работы он пользовался словарём.*

### **CABL**

Pri napisanii raboti on polzovalsia slovarem.

em redação (de) trabalho ele usou dicionário

Na redação de um trabalho, ele usou o dicionário.

- o *preposicional (CP)* – usa-se só com preposições. Pode indicar o lugar, o objeto dentro do qual ocorre o estado:

(73) *Цветы стоят в вазе.*

### **CP**

Zveti stoiat v vazе.

flores estão em vaso

As flores estão num vaso.

Deve notar-se que o papel desempenhado pelas preposições é importante. As preposições ajudam a detetar e esclarecer os valores e significados das casos.

Assim, emprega-se o SN no genitivo com as preposições *вокруг, до, из-за, у* (em torno, até, de, em, etc.), que expressam as relações espaciais de objeto ou de ação:

(74) *Ходить вокруг дома.*

### **CG**

Chodit' vokrug doma.

andar volta casa

Andar em torno da casa.

(75) *Стоять у двери.*

### CG

Stoiat' u dveri.

ficar a porta

Ficar à porta.

As preposições *к, по* (até, pelo) no uso com dativo indicam a aproximação ao objeto, a localização:

(76) *Идти по улице.*

### CD

Idti po ulize.

andar por rua

Andar pela rua.

Com acusativo, as preposições *в, за, на* (em, de, para) traduzem a orientação para o objeto:

(77) *Смотреть на сестру.*

### CAC

Smotret' na sestru.

olhar para irmã

Olhar para a irmã.

Assim, podemos concluir que o caso é uma categoria gramatical que mostra o papel sintático desempenhado pelas expressões nominais e a relação delas com os outros elementos da frase.

Em Russo contemporâneo, há seis casos. Todos eles, com exceção do nominativo, chamam-se *casos indiretos*. Esses casos podem usar-se com as preposições e sem preposições (exceto o preposicional). As preposições são usadas para esclarecer o significado de caso do substantivo.

É importante também notar que o Russo é uma língua que não possui artigos. Outra propriedade do Russo é ter um sistema aspetual marcado essencialmente pelos verbos. Enquanto em Português as distinções aspetuais são indicadas pelo uso de verbos auxiliares, pelos afixos e também pela combinação de vários elementos na frase associados aos anteriores, já em Russo o aspeto é abertamente marcado pelo verbo.

A língua russa caracteriza-se por apresentar um sistema verbal em que, para certos verbos, há duas formas – as *perfetivos* e as *imperfetivas*:

- *exatʹ* (echatʹ) – andar de meio transporte – *imperfetivo* (exprimindo preferencialmente um processo)
- *yexatʹ* (uechatʹ) – sair de meio transporte – *perfetivo* (exprimindo preferencialmente um processo culminado)

O primeiro verbo *exatʹ* (echatʹ) significa que a ação permite a observação prolongada e o segundo *yexatʹ* (uechatʹ) significa a ação finalizada, acabada, expressa através do processo da prefixação.

## **Capítulo 3. A estrutura sintático-semântica de alguns verbos de movimento em Português e em Russo**

### 3.1. Considerações gerais

O espaço é uma das mais importantes categorias da vida humana. Não surpreende, pois, que todas as línguas do mundo apresentem um grande número de possibilidades de traduzir a percepção das relações espaciais.

De entre os meios linguísticos envolvidos na expressão da categoria do espaço, os verbos de movimento ocupam uma posição central.

Já vimos no Capítulo 1 que há diversos parâmetros que permitem analisar os verbos de movimento:

- as funções sintáticas e os respetivos casos;
- a natureza categorial dos argumentos dos verbos (SN/SPrep);
- as funções semânticas dos argumentos dos verbos;
- a natureza eventiva ou estativa dos verbos;
- a natureza déítica dos verbos;
- o modo do movimento;
- a maneira como os verbos, a sua forma e a sua estrutura argumental contribuem para a expressão do espaço, nomeadamente se as línguas se centram nos verbos ou nos seus satélites.

Nos pontos seguintes vamos analisar alguns verbos de movimento em Português e em Russo em relação a alguns destes parâmetros.

3.2. Estrutura argumental, propriedades valenciais e valor déítico dos verbos de movimento em Português e em Russo.

Uma parte integrante da análise sintática e semântica dos verbos de movimento passa pelo estudo das suas propriedades valenciais.

A valência do verbo, num sentido geral, refere-se à capacidade de um verbo estabelecer relações sintáticas com outras palavras numa frase. “A valência é assim a propriedade de um elemento exigir, permitir, excluir, complementos específicos... A valência permite estabelecer os modelos frásicos para cada verbo ou grupos de verbos, indicando os argumentos ou complementos possíveis de cada verbo” (Vilela, 1992, p. 31).

Vilela observa que a valência permite estabelecer os modelos frásicos para cada verbo ou grupo de verbos, indicando os argumentos ou complementos possíveis de cada verbo.

*O Manuel ← chegou*

*anoiteceu*

*O Manuel ← foi → à livraria*

*O Manuel ← escolheu → um livro*

*O Manuel ← vai oferecer → este livro → à sua namorada*

em que estão previstos os seguintes lugares vazios :

- em *chegar* temos um lugar vazio, que desempenha a função sintática de sujeito;
- em *anoitecer* não temos qualquer lugar vazio;
- em *ir* temos dois lugares vazios: suj + ca (complemento oblíquo / adverbial / preposicional);
- em *escolher* temos dois lugares vazios : suj + cd (complemento direto);
- em *oferecer* há três lugares vazios: suj + cd + ci (complemento indireto).

Então, “a valência do predicado (verbo) indica quais os complementos e que espécie de complementos esse predicado pode (ou deve) ter nas suas realizações frásicas.” (Vilela, 1992, p. 33)

O autor verifica que o predicado (verbo) prevê as possibilidades de combinação dos argumentos possíveis e a sua regência com ou sem preposição; a combinação dos significados lexicais das palavras regula a valência semântica.

Relativamente aos verbos de movimento, qualquer destes verbos contém no seu significado uma ideia de movimento. Qualquer movimento no espaço (de uma figura) prevê um ponto inicial (origem) e um ponto final (meta, alvo, direção) desse movimento e também o caminho (percurso, trajetória) pelo qual esse movimento é feito (cf. Vilela 1992, Talmy 1975, Batoréo 2000).

Logo, os verbos de movimento devem ter na sua valência semântica pelo menos uma origem (de onde?), um percurso (de que modo?) e um destino (para onde?).

Tomaremos como base o capítulo “Verbos de movimento: abordagem semântica e sintática” da *Gramática de valências: teoria e aplicação* (1992), de Mário Vilela, em que o autor apresenta os esquemas das valências para representar os verbos de “deslocação”, que nos parece essencial para servir de base à comparação e confrontação do Português com outras línguas.

O autor privilegia os verbos de movimento que implicam uma mudança de lugar do sujeito, provocado pelo próprio sujeito. Logo, o esquema valencial dominante é seguinte:

“Nx1 / Agente”, “Nx2 Origem”, “Nx3 / Meta”

A primeira variável *Nx1 / Agente* é primeiro argumento. *Nx2 / Origem* é o argumento que representa o ponto de partida. *Nx3 / Meta* é o argumento que representa o espaço ocupado por “lugar / direção”. É o caso de verbos como *ir, sair, afastar-se, partir, vir, entrar, aproximar-se, chegar, etc.* mas, como já se percebe, estes verbos são diferentes do ponto de vista da dêixis, da relação com a enunciação.

Como é sabido, existem três tipos de expressões dêíticas: ( i ) pronomes pessoais, que expressam dêixis pessoal; ( ii ) pronomes demonstrativos e advérbios, que expressam dêixis espacial; ( iii ) advérbios, que expressam dêixis temporal.

A representação de aproximação ou afastamento relativamente aos interlocutores está incorporada nos verbos de representação espacial do movimento, por exemplo, nos pares *ir/vir*.

Assim, Vilela (1992) organiza os verbos de movimento em três grupos : 1) grupo IR; 2) grupo VIR; 3) grupo IR / VIR. Também Batoréo (2000) analisa os verbos deíticos em dois pares *ir/vir* e *levar/trazer*.

Neste secção, consideraremos os verbos de movimento-deslocação em dois grupos : 1) verbos - IR (incluindo *ir, sair, afastar-se, partir*) ; 2 ) verbos - VIR (incluindo verbos como *vir, entrar, aproximar-se de, chegar*) em Português e verbos análogos em Russo (*идти – приходиться, уходить – входить , приближаться – отдаляться, отбывать – прибывать*).

Se, em Português, cada par desses verbos pode ser considerado um par de lexemas com significado oposto do ponto de vista deítico, também em Russo eles são opostos.

Porém, na Língua Russa, os dois pares desses lexemas têm a mesma raiz (*уходить-входить / sair – entrar ; уезжать- приезжать / partir – chegar*) e o seu valor só é alterado com prefixos : *у-*, *при-*, *в-* (u, pri, v).

Nem sempre é assim. Nos seguintes pares, podemos observar lexemas com raízes diferentes (*идти – приходиться / ir – vir ; отдаляться – приближаться / afastar-se – aproximar-se*).

Cada um dos esses verbos implica diretamente o movimento, incluindo uma redução ou aumento da distância, dependendo do sujeito que realiza esse movimento.

Por tudo isso, começaremos a analisar os verbos, ou seja, a estrutura semântica e a estrutura sintática de cada grupo.

### 3.2.1. Grupo - IR

#### a) *ir – идти*

Vilela define esse grupo de verbos como os verbos “cujo conteúdo genérico implica deslocamento em direção ao espaço dítico do Alocutário (= TU)” (p. 185). Na verdade, *ir* também pode significar movimento em relação a uma 3ª pessoa.

A estrutura frásica do verbo *ir* contém três argumentos, em que *x1* funciona como Agente (pode substituído por Instrumento), *x2* funciona como Origem e *x3* como Meta. A sintaxe deste verbo é seguinte:

Nx1 / Agente Verbo ( de Nx2 / Origem ) *para/a* Nx3 / Meta

“x1 desloca-se num percurso mais ou menos extenso, partindo de x2 em direção a x3, em que x3 é o espaço da segunda pessoa gramatical”. (Vilela, p. 186)

Veja-se que o verbo *ir* pode incluir várias informações, como “a pé”, “de avião”, “de comboio”.

(77) *O Pedro foi (do Porto) a Lisboa.* (p.187)

Deve notar-se que Nx1 e Nx3 são argumentos obrigatórios. A categoria “Meta” pode ser realizada por “Lugar”, mas pode acontecer que, em vez de “lugar”, ocorra “pessoa” (ou um lugar que pertença a uma pessoa):

(78) *Ele foi à casa do João.* (p. 187)

O argumento x2 (= Origem / Ponto de partida) fica incorporado no verbo. O verbo *ir* pode ser empregado com a preposição *para/a* e *de*.

Em Russo, o verbo *идти* (*ir*) denota o deslocamento unidirecional do sujeito e tem como estrutura argumental a seguinte:

x1 ( Agente ) Verbo x2 ( Origem ) *в, на* ( para , a ) x3 ( Meta ) :

(79) Я *иду в школу.*

Ia *idu v shkolu.*

eu vou para escola

Eu vou para a escola.

(80) Я *иду на* концерт.

Ia idu na konzert.

eu vou em concerto

Eu vou ao concerto.

E a estrutura sintática é:

Nx1 / Agente Verbo Nx2 / Origem *в, на* ( para , a ) Nx3 / Meta

Em Russo, a preposição *в, на* ( para , a ) tem o emprego do caso acusativo e indica a relação com OI/ complemento oblíquo.

Se consideramos o verbo *ходить*, que já não é unidirecional, então a ação é realizada em diferentes direções e temos a estrutura argumental seguinte:

X1 / Agente Verbo x2 / Percurso *в, на* ( para , a ) x3 / Meta ou Lugar

(81) Я *хожу в* школу.

Ia chogu v shkolu.

eu ando em escola

Eu ando na escola.

**b) sair – *уходить***

O verbo *sair* tem a estrutura argumental seguinte:

X1 ( Agente ) Verbo *de* x2 ( Origem )

E a estrutura sintática:

Nx1 / Agente Verbo *de* Nx2 / Origem

(82) *O Pedro saiu agora mesmo de casa.* (p. 188)

O valor prototípico de *sair* é: “x1 desloca-se num percurso muito pouco extenso, partindo de um ponto bem delimitado, implicando *ir*.” (Vilela, p. 188)

O lugar de Agente pode ser ocupado por Instrumento:

(83) *O carro saiu agora mesmo (da praça).* (p. 188)

Em Russo, o verbo *уходить* (sair) significa “deixar algum lugar / sítio”:

(84) *Я ухожу из школы.*

*Ia uchogu iz shkoli.*

eu saio de escola

Eu saio da escola.

A preposição *из* (de) indica a fronteira inicial, a partir da qual opera um movimento, e tem o emprego de caso genitivo de relação com o OI/complemento oblíquo.

Deve notar-se que a estrutura argumental é a mesma que em Português, mas o argumento Origem pode ser substituído por Meta. Por exemplo:

(85) *Он уходит к другу.*

*On uchodit k drugu.*

ele saiu para amigo

Ele saiu para um amigo.

A estrutura sintática é a seguinte:

N x1 / Agente Verbo Nx2 / Origem *κ* (para) Nx3 / Meta

Neste caso, a preposição  $\kappa$  ( para ) significa uma direção e tem um valor de relação com o OI/complemento oblíquo.

c) *afastar-se* – *удаляться*

A estrutura argumental de *afastar-se* é:

x1 / Agente Verbo x2 / Origem

e a estrutura sintática correspondente é:

Nx1 / Agente Verbo *de* Nx2 / Origem

O conteúdo de *afastar-se* é: “x1 desloca-se num percurso, mais ou menos extenso, implicando IR, durante um certo tempo, ficando cada vez mais longe de x2 (Origem)”. (Vilela, p. 189)

(86) *O Paulo afastou-se da costa.* (p.189)

Em Russo, *удаляться* (afastar-se) também significa “mover-se, aumentando a sua distância a partir de um objeto (alguém ou alguma coisa)”.

Consideremos o exemplo:

(87) *Корабль удалялся от берега.*

*Korabl' udal'als'a ot berega.*

navio afastou-se de costa

O navio afastou-se da costa.

x1 / Agente ( Instrumento ) Verbo *om* (de) x2 / Origem

A estrutura sintática é a seguinte:

Nx1 / Agente / Instrumento Verbo *om* (de ) Nx2 / Origem

Podemos constatar que a preposição *om* (de) marca o SN com o caso genitivo e indica a relação com o OI/complemento oblíquo.

**d) partir – уезжать**

A estrutura argumental de *partir* é:

x1 / Agente Verbo x2 / Origem x3 / Meta

e a estrutura sintática correspondente é:

Nx1 / Agente Verbo *de* Nx2 / Origem *para* Nx3 / Meta

(88) *O António já partiu para o Canadá.* (p. 190)

O sentido lexical de *partir* é: “x1 começa a deslocar-se, implicando IR, para um percurso extenso, em direção a uma meta.” (Vilela, p. 189)

As categorias “x2” ( Origem ) “x3” ( Meta ) podem não ser realizados:

(89) *O cliente já partiu.*(p. 190)

O verbo *уезжать* (partir) em Russo tem a mesma estrutura argumental e sintática. Por exemplo:

(90) Он *уезжает из* России в Португалию.

Он *uezjaet iz* Rossii v Portugaliu.

ele parte de Rússia para Portugal

Ele parte da Rússia para Portugal.

Nx1 / Agente Verbo *из* ( de ) Nx2 / Origem *в* ( para ) Nx3 / Meta

A preposição *из* (de) marca o SN com o caso genitivo e a preposição *в* (para) justifica o caso acusativo. Nesta estrutura, temos os relações de OI/complemento oblíquo nos dois argumentos (Origem e Meta).

A posição do argumento Agente pode ser ocupada pelo argumento Instrumento:

(91) Автобус *uezjaet*.

Avtobus *uezjaet*.

autocarro parte

O autocarro parte.

Vimos que, nesta estrutura, o argumento x2 não é obrigatório.

### 3.2.2. Grupo – VIR

#### a) *vir* – *приходить*

Esse grupo de verbos “implica “deslocação” em direção ao espaço dítico do Locutor / Observador (= EU)” (Vilela 1992, pp. 185-186)

A estrutura argumental de *vir* é:

x1 / Agente    Verbo    x2 / Origem    x3 / Meta

e a estrutura sintática é:

Nx1 / Agente    Verbo de    Nx2 / Origem    *para, até, a*    Nx3 / Meta

O sentido do enunciado com *vir* é: “x1 desloca-se num percurso extenso, partindo de x2, em direção a x3”. (Vilela 1992, p. 191)

(92) *Ele veio ontem à cidade.* (p. 191)

O “x2” pode não ser realizado. Por outro lado, “x3” é o lugar especificado como o lugar do observador. Isto mostra que o movimento (a deslocação) é observado ou imaginado a partir da Meta. Este traço semântico distingue *vir* de *ir* e de *chegar*:

(93) *Ele foi ontem à cidade.* (p.191)

(94) *Ele chegou ontem à cidade.* (p.191)

Em Russo, o verbo *приходить* (vir), em termos de formação de palavras, deriva do verbo *ходить*, que é um verbo de movimento que não é direcional e cujo modo de movimento está marcado na raiz verbal, que significa o mesmo que *идти* (ir), mas o movimento é repetido em diferentes direções.

Já o percurso está marcado por um satélite, que é o prefixo *при-* (pri), apontando para aproximação.

(95) Он *приходит из* школы.

On *prichodit iz* shkoli.

ele vem de escola

Ele vem da escola.

A estrutura argumental do verbo *приходить* (vir) é a seguinte:

x1 / Agente    Verbo    *из* ( de )    x2 / Origem

A preposição *из* (de) indica a fronteira a partir da qual opera um movimento e indica a Origem.

Consequentemente, a estrutura sintática é:

Nx1 / Agente    Verbo    *из* ( de )    Nx2 / Origem

O verbo *приходить* (vir) pode ainda ser usado com a preposição *в* (para):

(96) Он *приходит в* школу.

On *prichodit v* shkolu.

ele vem para escola

Ele vem para a escola.

Neste caso, aparece o argumento “Meta”, quando a preposição *в* ( para ) indica o movimento para um ponto de chegada. A estrutura argumental é seguinte:

x1 / Agente Verbo *в* ( para ) x2 / Meta

Portanto, o verbo *входить* (*vir*) exprime a Origem ou a Meta, dependendo da preposição que segue o verbo. Deve notar-se que essas duas preposições indicam a relação com o OI/ complemento oblíquo. A preposição *из* (de) tem o emprego de caso genitivo, mas *в* (para) está no caso acusativo.

**b) entrar em, para – *входить***

O conteúdo de *entrar* é “x1 desloca-se, implicando *vir*, num percurso muito pouco extenso”. (Vilela 1992, p. 192)

Assim, as estruturas semântica e sintática de *entrar* são:

x1 / Agente Verbo x2 / Meta

Nx1 / Agente Verbo *em/para* Nx2 / Meta

Por conseguinte, se “x2” for o lugar do observador, ou um lugar identificável no contexto ou pela situação, então “x2” pode não ser realizado. “x2” também pode designar um lugar diferente do Locutor e do Alocutário:

(97) *Vá a minha casa e entre mesmo sem bater, e mesmo que lá não esteja ninguém!* (Vilela 1992, p. 192)

Em Russo, o verbo *входить* (entrar) deriva do verbo *ходить* com prefixo *в-* (v) e significa “mover para dentro”:

(98) Он *входит* в комнату.

Он *входит* в комнату.

ele entra em sala

Ele entra na sala.

Vemos que as estruturas semântica e sintática são as seguintes:

x1 / Agente Verbo x2 / Meta

Nx1 / Agente Verbo *в* (em) Nx2 / Meta

Como, em Russo, o significado primário desse verbo é “entrar no local”, então a categoria “Meta” pode ser realizada por “Lugar”.

(99) Доктор *входит* в кабинет.

Doktor vchodit v kabinet.

médico entra em gabinete

O médico entra no gabinete.

O verbo relaciona-se com o sintagma nominal expresso pelo OI/complemento oblíquo com a preposição *в* (em), que determina o caso acusativo.

**c) *aproximar-se – приближаться***

A estrutura argumental do verbo *aproximar-se de* é:

x1 / Agente Verbo x2 / Meta

e a estrutura sintática é:

Nx1 / Agente Verbo *de* Nx2 / Meta

O valor do enunciado com *aproximar-se de* é “x1 desloca-se num percurso mais ou menos extenso (...), implicando *vir*, durante um certo tempo”. (Vilela 1992, p. 193)

(100) Ele *aproximou-se da* casa (correndo). (p.193)

Em Russo, o verbo *приближаться* (aproximar-se) tem uma estrutura semântica e sintática como em Português:

(101) Человек *приблизился* к окну.

Chelovek priblizilsia k oknu.

homem aproximou-se de janela

O homem aproximou-se da janela.

x1 / Agente    Verbo    x2 / Meta

Nx1 / Agente    Verbo *k* ( de )    Nx2 / Meta

A preposição *k* (de) indica o objeto indireto ( OI/complemento oblíquo ) e tem o valor casual de dativo.

**d) chegar a – прибывать**

O valor prototípico de *chegar a* é “x1 desloca-se num percurso – este traço distingue *chegar a* de *entrar em* (*entrar em* é “pontual”) – “e esta deslocação é considerada sob o aspeto pontual e não durativa” – este traço distingue CHEGAR A de APROXIMAR-SE DE” (Vilela 1992, p. 194).

A estrutura argumental de *chegar a* é:

x1 / Agente    Verbo    x2 / Origem    x3 / Meta

E a estrutura sintática normal é:

Nx1 / Agente    Verbo *de* Nx2 / Origem *a*    Nx3 / Meta

(102) *Ele, mal chegou de Lisboa, partiu imediatamente para Braga.* (p. 194)

(103) *O comboio chegou às nove.* (p. 193)

Se “x3” (= Meta) for o lugar do observador, “x3” pode não ser realizado discursivamente como em (102). Também o Instrumento pode substituir o Agente, como em (103).

Em Russo, o verbo *прибывать* (chegar) tem a estrutura semântica seguinte:

x1 / Agente    Verbo    x2 / Origem    x3 / Meta

(104) Он *прибывает* завтра из Москвы в Лиссабон.

Он *pribivaet* zavtra iz Moskvi v Lissabon.

ele chega amanhã de Moscovo em Lisboa

Ele chega amanhã a Lisboa de Moscovo.

E a estrutura sintática correspondente é:

Nx1 / Agente Verbo *uz (de)* Nx2 / Origem *в (para, a)* Nx3 / Meta

A categoria “Agente” pode ser realizada por “Instrumento”, por exemplo em (105):

(105) Поезд *прибывает* в 15 часов.

Poezd pribivaet v 15 chasov.

comboio chega em 15 horas

O comboio chega às 15 horas.

Nestes enunciados, x3 (= Meta) pode não ser realizada.

A presença da preposição *uz (de)* implica o caso genitivo e a preposição *в (para, a)* o caso acusativo. Ambas as preposições indicam a relação do OI/complemento oblíquo.

3.3. O Português e o Russo face à tipologia de Talmy; outras propriedades gerais das duas línguas

No ponto anterior, analisámos os verbos de movimento destacando a valência desses verbos, analisando as relações semânticas que os argumentos estabelecem com os verbos e a maneira como se exprimem sintaticamente.

Neste ponto, vamos retomar o quadro de Talmy e Batoréo no sentido de perceber como as duas línguas se organizam linguisticamente.

Vimos que Batoréo (2000) (baseada em Talmy (1985)) diz que “um verbo de movimento é visto como referente à deslocação feita entre a Origem e o Alvo ao longo de um Percurso.” (Batoréo, 2000, p. 509)

Talmy (1985), como já referimos, estabelece “o esquema básico estruturante da *Situação de Deslocação* que abrange tanto o *Movimento* como a *Localização Estática*. O autor define-a como uma situação em que um objeto – Figura – se encontra localizado ou em movimento em relação a um outro objeto – Fundo – num Percurso. Entende-se, por conseguinte, que a Estrutura Semântica correspondente pode ser representada, simbolicamente, do seguinte modo:

Figura + DESLOCAÇÃO + PERCURSO + Fundo” (Batoréo, 2000, p. 366)

Em cada língua, a Situação de Deslocação tem uma estrutura sintática específica. Em muitas línguas do mundo, “os constituintes especificadores da Figura e do Fundo têm carácter Nominal, os do Percurso têm carácter Preposicional e os da Deslocação apresentam carácter Verbal... Um constituinte que ao nível funcional se junta ao verbo é considerado como o seu SATÉLITE...” (Batoréo, 2000, p. 367).

O Português e o Russo são línguas em que o padrão de lexicalização do percurso e do modo nos eventos de movimento não é o mesmo.

Como referimos antes, a tipologia de Talmy (1985) distingue dois tipos de línguas quanto à maneira como lexicalizam um percurso.

Um tipo de língua (*satellite-framed languages*) expressa normalmente o percurso num componente adjacente ao verbo, ou seja, em satélites do verbo. As línguas que fazem uso de *satélites* dispõem de numerosas partículas que se combinam com os verbos. Os satélites típicos são prefixos deverbais nas línguas eslavas. Por exemplo, em Russo:

(106) Машина *заехала* в гараж.

Machina *zaehala* v garaj.

carro entrou em garagem

Carro entrou na garagem.

No verbo *заехала* (entrou), o modo de movimento está marcado na raiz verbal. O verbo *ехать* (*exala*) representa o movimento com meio de transporte, enquanto o

percurso é codificado com o prefixo **за** [ za ] e a preposição **в** (em). A língua russa é, portanto, uma *satellite-framed language*.

Também nas línguas germânicas, em particular o Inglês, o modo ou a causa do movimento é transmitido pelo verbo e pelas partículas, assistindo-se à fusão dos conceitos de movimento e modo (*The girls went out of the church / As raparigas saíram da igreja*). (Gonçalves, P., p. 136).

Outros tipos de línguas lexicalizam preferencialmente o percurso no verbo principal (*Ela entrou em casa*). Este tipo de língua chama-se *verb-framed language* e abrange todas as línguas românicas. Mas, nestas línguas, o modo (ou a causa) é expresso independentemente por um advérbio ou por uma locução adverbial (*Ele entrou silenciosamente no quarto da mãe*).

Voltando ao Russo: trata-se de uma língua que denota o modo como o movimento vai ser realizado:

- 1) indicando a direção e a ausência de direção;
- 2) numa direção ou em diferentes direções.

Nestes grupos, incluem-se os verbos de movimento unidirecional e não unidirecional. Ambos incluem verbos imperfetivos que se opõem pelo significado e pelo valor. Este tipo de “emparelhamento” é uma das características dos verbos de movimento na língua russa (cf. Vanyugina, 2008, p. 125 – 131). Por exemplo:

Movimento unidirecional	Movimento não unidirecional
(ir) →	(ir e voltar) → ←
<i>Идти</i> Idti (ir)	<i>ходить</i> chodit'

<i>Ехать</i>	<i>ездить</i>
Echat' (andar de meio transporte)	ezdit'
<i>Бежать</i>	<i>бегать</i>
Bejat' (correr)	begat'

Os primeiros membros de cada um destes pares (*идти, ехать, бежать*) denotam que a ação é realizada numa direção de cada vez (sem interrupções), e os segundos membros (*ходить, ездить, бегать*) denotam que a ação é realizada em diferentes direções ou com uma regularidade recorrente:

(107) Он *идёт* в лес. →

On id'ot v les.

ele vai em floresta

Ele vai para a floresta.

(108) Он *ходит* в лес каждый день. →

←

On chodit v les kajdiy d'en'.

ele vai na floresta os todos dias

Todos os dias ele caminha na floresta.

Os verbos de movimento nesta língua são caracterizados pelas relações com os complementos que se expressam como objeto direto (OD) e objeto indireto / oblíquo (OI).

Estamos a ver que, tanto em Russo como em Português, os verbos de movimento estão associados às preposições. Cunha e Cintra (1984) analisam as preposições do ponto de vista semântico e definem-nas como “a palavra invariável que relaciona termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro”, a que chamam antecedente, é

explicado ou completado pelo segundo, chamado conseqüente (Cunha e Cintra, 1984, p. 551). A relação que se estabelece entre as palavras ligadas por meio de preposição pode exprimir movimento ou uma situação resultante do movimento. Os autores observam que as preposições apresentam grande variedade de usos no discurso, sendo possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental, através das noções de movimento ou de situação, aplicável aos campos espacial, temporal e nocional. Em Português, os verbos de movimento podem ser empregados com as preposições *a, até, em, para, de, desde, atrás de, perante* e *por*. Cada uma delas tem valores próprios. Esses valores ditam a sua seleção, conforme a ideia de movimento do verbo.

Em Russo, os verbos de movimento podem ser empregues com as preposições *в, на, из, к, от*.

## Capítulo 4. Conclusões

Esta dissertação teve como principal objetivo a comparação entre duas línguas, o Português e o Russo, no que diz respeito ao funcionamento de alguns verbos de movimento.

A dissertação começou pela apresentação dos vários estudos portugueses e brasileiros sobre os verbos de movimento, destacando-se o facto de o verbo ser uma unidade básica de uma frase nas línguas. O verbo transmite não só a informação sobre um determinado evento/estado mas também aponta para a sua estrutura, indica os tipos e as características de seus participantes e as possíveis formas da sua representação sintática.

A ideia de movimento depende da noção de espaço físico, e, por isso, os autores representados no trabalho consideram que *o movimento* é um conceito básico semântico.

Nesta dissertação, privilegiámos as relações de referência espacial de movimento identificadas através dos papéis temáticos: *Agente, Meta, Origem, Instrumento, Objeto, Locativo*.

Os sintagmas nominais e preposicionais empregados delimitam um sentido particular para o verbo nas frases, e o seu valor semântico influencia a escolha das preposições.

De acordo com os estudos analisados, os verbos de movimento apresentados empregam-se, em Português, com as seguintes preposições: *em, a/para, de, até, desde, atrás de, perante e por*.(Cunha e Cintra, 1984)

De acordo com a teoria proposta por Talmy (1975, 1991), o termo “evento de movimento” é usado em sentido extensivo, abrangendo quer situações em que um objeto se move, quer aquelas em que um objeto se localiza em relação a outro objeto. Portanto, a noção “verbo de movimento” englobará quer itens lexicais que impliquem movimento, como *correr, entrar* ou *sair*, quer aqueles que exprimem localização estática como *morar, ficar*.

Os elementos centrais da teoria de Talmy são os de “figura” e “fundo”. O primeiro elemento é compreendido como o objeto que se move em algum lugar e o segundo é o lugar para o qual o objeto se desloca ou em que se situa.

Há, ainda, um “percurso” que é definido como a trajetória percorrida pela “figura” relativamente ao “fundo”. Além disso, o “evento de movimento” pode incluir elementos ditos externos, como “modo” e “causa”.

Partindo de Talmy, o esquema básico semântico da *Situação de deslocação* é o seguinte:

Figura + DESLOCAÇÃO + PERCURSO + Fundo

Dos dois capítulos em que estão representados os pontos principais de cada uma das duas línguas, podemos concluir que:

- o Português perdeu o sistema casual – os principais valores casuais associam-se ao sistema de preposições e só estão verdadeiramente presentes no sistema pronominal;
- em Russo, o sistema casual é existente e muito rico, abrangendo todos os sintagmas nominais.

Na última parte do Capítulo 3, analisámos nas duas línguas os verbos pertencentes ao grupo-IR e ao grupo-VIR. Ambos os grupos de verbos de movimento nas duas línguas apresentam esquemas semântico-sintáticos ou estruturas argumentais quase idênticos; as diferenças formais e argumentais derivam do sistema de preposições, do sistema de casos e do facto de o Português ser uma língua essencialmente *verb-framed*, em que a informação principal acerca da relação espacial é transmitida pelo verbo, enquanto o Russo é uma língua *sattelite-framed*, em que essa informação é veiculada pelas partículas ligadas ao verbo. Considera-se que o percurso transmitido pela partícula (prefixo) em Russo é transmitido pelo verbo em Português. Podemos ver esta distinção nos seguintes verbos: *sair* – *уходитъ*, *vir* – *приходитъ*, *chegar* – *приезжать*, *partir* – *уезжать*.

Excetuando essa diferença, o quadro verbal nas duas línguas é da mesma natureza, pois nas duas línguas podemos encontrar:

- as entidades que provocam o movimento (Agente / Instrumento);

- a deslocação que está definida em relação a um lugar (Origem ou Meta) como “ponto de partida / chegada”;
- a relação com esse lugar, marcada por preposições *em, para, a, até, de, desde, atrás de, perante, por* e os seus correspondentes em Russo;

No entanto, as duas línguas diferem muito quanto ao sistema aspetual, o que obrigaria a um estudo semântico-morfológico que aqui não realizámos.

## **Bibliografia**

- AMBAR, M. (1989) Sobre a posição do sujeito, movimento do verbo e estrutura da frase. *Atas do V Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: Faculdade de Letras, pp. 369-399.
- ANTUNES, S. (2010) *O Dativo*. Trabalho de Projeto na Licenciatura em Ciências da Linguagem, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- BATORÉO, H. (2000) *Expressão do Espaço no Português Europeu*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- BRITO, A. M. (2003) Categorias Sintáticas. In Mateus *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. 7<sup>a</sup> ed., Lisboa: Editorial Caminho, pp. 323 – 417.
- CARDOSO, Simão (1988) O genitivo em Português (contributos para uma sintaxe e semântica da preposição DE). In *Línguas e Literaturas*. Revista de Faculdade de Letras do Porto, Série 2, Vol. 5, nº 1, pp.19 – 100.
- CARVALHO, M. J. (1987) *Aspetos Sintático-Semânticos dos Verbos Locativos no Português Oral de Maputo*. Dissertação de Mestrado, Lisboa: Universidade de Lisboa.
- CUNHA, C. CINTRA, L. (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa. (19.<sup>a</sup> edição, Lisboa: João Sá da Costa).
- DUARTE, I. (2003) Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. Em Mateus, M. H. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7<sup>a</sup> ed., Lisboa: Editorial Caminho, pp. 275 – 316.
- ELISEU, A. (2008) *Sintaxe do Português*. Editorial Caminho, SA.
- FILLMORE, Ch. (1968) The case for case. *Universals in Linguistic Theory*, E. Bach R.T. Harms (edits.), 2<sup>nd</sup> ed. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- FONSECA, F. (1992) *Dêixis, tempo e narração*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, pp. 177 – 181.

GONÇALVES, P. (1989) A fixação do sistema de marcação casual do Português em Moçambique . *V Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa. Pp.73 – 90.

GONÇALVES, P. (2010) *A génese do Português de Moçambique*. UED-Unidade Editorial.

IGNÁCIO, S. E. (1985) *Tipologia dos complementos verbais do Português contemporâneo*. São Paulo: Alfa.

LEAL,A. e OLIVEIRA,F. (2008) Subtipos de verbos de movimento e classes aspetuais. Em *Textos Seleccionados. XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, pp.287 – 298.

LEIRIA, I. (1994) Aquisição do aspeto verbal por falantes não nativos de Português Europeu: o exemplo dos Pretéritos Perfeito e Imperfeito. Em *Revista Internacional de Linguística Portuguesa*, nº 11, pp. 74 – 112.

LEITÃO, M. T. (1985) Valores Temporais de Alguns Deícticos de lugar. Lisboa, em *Atas do 1º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 107 – 129.

MACEDO, M. E. (1989) Complementos locativos: sua caracterização. Em *Atas do V Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, pp. 127 – 133.

MATEUS, M. H., BRITO, A. M., DUARTE, I., FARIA, I. (1983) *Gramática da Língua Portuguesa*. 4ª edição. Lisboa: Editorial Caminho, SA.

MATEUS, M. H., BRITO, A. M., DUARTE, I., FARIA, I., FOTA, S., MATOS, G., Oliveira, F., Vigário, M. e VILLALVA, A. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. 7ª edição. Lisboa: Editorial Caminho, SA.

NEVES, M. H. (2000) *Gramática de usos do Português* – São Paulo: Editora UNESP.

PERES, J. (1984) *Elementos para uma gramática nova*. Coimbra: Livraria Almedina.

PONTES, E. (1992) *Espaço e tempo na língua portuguesa*. Campinas, SP: Pontes.

SILVA, M. (1997) *Estruturas concetuais: verbos de movimento espacial*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ.

TALMY, L. (1975) *Semantics and Syntax of Motion/ Syntax and Semantics*. Vol.4. Ed. by Kimball, J. NY: Academic Press, pp. 181 – 239.

VIEIRA, Maria José Blaskovski (2009) *Variação das preposições em verbos de movimento*. Signum: Est. Ling., Londrina, V.12, nº 1, pp. 423 – 445.

VILELA, M. (1992) *Gramática de valências: teoria e aplicação*. Coimbra: Almedina.

АВИЛОВА, Н. (1976) *Вид глагола и семантика глагольного слова*. Москва. [AVILOVA, N. (1976) *Aspeto do Verbo e Semântica da Forma do Verbo*. Moscovo].

ВАНЮГИНА, М. (2008) "О реализации семантических валентностей в высказываниях с вершинными глаголами движения". В кн. *Материалы 38 Международной филологической конференции*. Общее языкознание / под ред. Слепокуровой (СПб: Факультет филологии и искусств СПбГУ), с. 125 – 131. [VANYUGINA, M. (2008) *Sobre a Implementação de Valências Semânticas em Afirmações com os Verbos de movimento*, Em *Atas da 38ª Conferencia Internacional de Filologia*. Linguística Geral/ ed. Slepokurova. São Petersburgo: Faculdade de Filologia e Artes, pp. 125 – 131].

КУРИЛОВИЧ, Е. (1962) *Проблема классификации надежей. Очерки по лингвистике*. Москва, с. 175 – 203 [KURILOVICH, E. (1962) *Problema da Classificação dos Casos*. Ensaio em Linguística. Moscovo: Escola Superior, pp. 175 – 203].

РОЗЕНТАЛЬ, Д. (1991) *Современный русский язык*. Москва: Высшая школа. С. 234 – 236 [ROZENTAL, D. (1991) *Língua russa moderna*. Moscovo: Escola Superior. Pp. 234 – 236].

ЧЕШКО, Л. (1990) *Русский язык для подготовительных отделений вузов*. Москва: Высшая школа [CHECHKO, L. (1990) *Língua Russa para os departamentos preparatórios de universidades*. Moscovo: Escola Superior].